

**SOB O SIGNO DA AMEAÇA:
conflito, poder e feitiço nas religiões afro-brasileiras¹**

*UNDER THE SIGN OF THREAT:
conflict, power and hex in the afro-brazilian religions*

Norton Figueiredo Corrêa

A dimensão do *conflito* configura um aspecto recorrentemente apontado na extensa literatura antropológica e sociológica que se debruçou sobre o tema *religiões afro-brasileiras*. Por um lado, as referências sobre as dinâmicas conflituosas engendradas entre africanistas e sociedade envolvente, tais como as ações persecutórias advindas do aparelho estatal ou de outros segmentos religiosos, sempre estiveram referenciadas. Em outro aspecto, também são recorrentes as percepções sobre as sociabilidades conflitivas de caráter endógeno, como as contendas existentes entre as diferentes unidades de culto, as acirradas rivalidades entre sacerdotes e seus *filhos-de-santo*, apontando para uma lógica de interação social própria dos templos afro-brasileiros cuja base fundamenta-se num sistema de acusações, agressões místicas e na *troca de feitiços*. No entanto, ainda que tais perspectivas sejam referidas desde os estudos pioneiros de Raimundo Nina Rodrigues, Arthur Ramos, bem como pelos autores clássicos como Édison Carneiro e Roger Bastide, em nenhum destes trabalhos esta dimensão mereceu maior atenção e encontra-se destituída de significativa sistematização teórica.

É justamente na iniciativa de repensar o *conflito* como categoria analítica junto ao estudo das práticas afro-brasileiras que o antropólogo gaúcho Norton Corrêa desenvolve uma chave de compreensão original sobre estas religiões. Trata-se de um trabalho de fôlego, fruto de incursões etnográficas realizadas ao longo de vinte anos nos terreiros do Rio Grande do Sul (entre 1969 e 1989)

¹ Norton Figueiredo Corrêa. Sob o signo da ameaça: conflito, poder e feitiço nas religiões afro-brasileiras. *Tese* (Doutorado em Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998. 292 p.

², incluindo observações posteriores (até 1997) nos estados da Bahia, São Paulo, Maranhão, bem como em terreiros da Argentina e Uruguai, designando o mais completo estudo realizado sobre o conflito nas religiões de matriz africana. Doze anos passados de sua defesa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, esta Tese, ainda não publicada, demonstra-se como referência fundamental para o entendimento das dimensões micro-políticas, identitárias e sobre as relações de poder que permeiam o universo dos terreiros afro-brasileiros. De forma inequívoca, trata-se de uma lacuna editorial na antropologia das religiões no País.

O objeto de pesquisa proposto consiste no exame do papel desempenhado pelo conflito nas relações sociais concernentes ao campo afro-religioso gaúcho e, secundariamente, em relação a outras práticas afro-brasileiras, em três principais dimensões: (a) na instância pessoal e nas sociabilidades articuladas entre componentes de um mesmo templo; (b) na interação entre atores religiosos de diferentes terreiros; (c) na relação entre o conjunto de templos com a sociedade envolvente e vice-versa. Visando atender metodologicamente as duas primeiras dimensões, o autor combina o robusto empreendimento etnográfico, executado em cerca de trinta terreiros, com entrevistas realizadas com “antigos” religiosos, visando assim reconstruir historicamente aspectos das relações conflituosas. Na observação das relações entre terreiros e sociedade brasileira, parte da premissa que os embates não se exaurem no plano religioso, estando substancialmente conectados às históricas assimetrias étnico-raciais. Desta maneira, utiliza-se de variadas dimensões empíricas nas quais dados antropológicos são confrontados com a literatura convencional e oral – livros didáticos, ditados, anedotas e histórias populares sobre as populações negras. Na perspectiva do trabalho, a análise das relações conflitivas possibilita a melhor compreensão dos formatos de resistência, desenvolvimento e expansão das religiosidades negras no País.

No capítulo 1 (p. 5-33), a ampla revisão de literatura sobre as práticas afro-brasileiras reflete sobre as causas da insuficiente atenção concedida às realidades de conflito, sobretudo no que se refere às contendas internas dos terreiros. As disputas, vaidades, e o medo quase paranóico da feitiçaria alheia

² Resultados parciais destas investigações já haviam municiado o mais completo estudo etnográfico realizado sobre o Batuque gaúcho, publicado em 1992 pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o título “O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense” – Corrêa (2006).

são citados na quase totalidade dos trabalhos existentes, mas sem receber tratamento teórico. Uma das razões para este *silêncio analítico*, de cunho ideológico, deriva da factual hegemonia das teorias sistêmicas em voga no pós-guerra, cuja percepção negativa sobre as realidades conflituosas teria influenciado o ambiente acadêmico dos pesquisadores brasileiros. Noutra medida, ressalta-se o possível *envolvimento pessoal* de certos antropólogos com as práticas africanistas, possivelmente propensos à ocultação de fatores que pudessem comprometer ainda mais a imagem estigmatizada de seus pesquisados. A outra razão, de cunho teórico, é projetada a partir da influência dos modelos clássicos de análise do fenômeno religioso, especialmente nas matrizes de Durkheim e Weber. Enquanto o primeiro observa a religião como um sistema de representações através dos quais os indivíduos compreendem a sociedade da qual são membros, sendo coesão e solidariedade elementos centrais do código religioso (diametralmente oposto às práticas mágicas), o segundo busca a identificação dos valores articulados num dado sistemas de crenças e dos sentidos da ação religiosa, assim possibilitando a distinção analítica entre as diversas modalidades de crença (novamente religião e magia distanciam-se mediante o sentido moral atribuído à religião e as aceções coercitivas da magia).

Para Corrêa, estes aportes tanto deslocam a prioridade analítica do campo dos conflitos quanto fomentam a dicotomia religião/magia, cuja procedência ajudou a constituir o estigma profanador das práticas africanistas. Visando a construção de uma base teórica alternativa, reabilita Georg Simmel e sua análise acerca do conflito como elemento inerente ao processo de sociação. Esta perspectiva lhe permite observar as realidades estudadas como resultante de categorias de ação recíproca, assim dissolvendo dicotomias e valorações tanto oriundas da distinção entre diferentes sistemas de crença quanto da visão negativa dos processos de interação conflituosos. O aporte teórico simmeliiano ainda desata a investigação das fronteiras do campo religioso, permitindo trajetos analíticos que vão do nível psicológico dos indivíduos estudados aos complexos sistemas de relações étnicas.

Na segunda seção do trabalho, composta pelos capítulos 2 (p. 34-58), 3 (p. 59-84) e 4 (85-121), é efetuada uma densa descrição do campo afro-umbandista gaúcho. Norton Corrêa retoma sua já conhecida análise sobre as vertentes religiosas do Estado, elaborada junto à noção de *continuum* religioso, presente já na obra de Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1961). Aplicando este viés ao Rio Grande do Sul, projeta o Batuque (vertente mais africanizada) e

a ocidentalizada Umbanda “branca” nas extremidades daquele *continuum*. Ao centro encontra-se a emergente “Linha Cruzada”, modalidade surgida e sedimentada entre os anos de 1950 e 1970, caracterizada pela prática do Batuque e Umbanda no mesmo templo, e que a eles agregou a Quimbanda – vertente que cultua os exus e pomba-giras. Na sequência são descritos os papéis e processos de interação desenrolados nas atividades cotidianas dos templos. As implicações que envolvem a posição central do sacerdote, a estruturação da *família de santo*, as relações entre humanos, deuses (orixás) e mortos (eguns), bem como o desenvolvimento da rede que se estabelece entre os terreiros, servem de subsídios para projetar os processos relacionais a partir dos quais se engendram as sociabilidades conflitivas. O trecho final da seção abarca as dinâmicas rituais fornecendo bases importantes para a compreensão do valor atribuído a certos artefatos e práticas simbólicas, cuja importância para a perspectivaêmica desvela o motivo de variadas modalidades de contendias cotidianas.

O quinto capítulo (p. 122-168) centra-se nos conflitos estabelecidos no âmbito interno de um determinado terreiro e entre as diferentes unidades de culto - a comunidade afro-religiosa. Recuperando as inúmeras narrativas míticas que descrevem as interações entre divindades do panteão iorubá, demonstra-se que as relações intempestivas se processam na própria dimensão cosmológica: os orixás constituem seres de um remoto passado humano, reagrupados numa grande família mítica patriarcal na qual se administram certas afinidades e alterações. Do mesmo modo, na relação entre homens e suas divindades, certas obrigações devem ser fielmente cumpridas pelos primeiros a fim de não despertar a ira por parte de seu orixá correspondente, também não sendo raras as inconformidades entre o adepto e seu próprio orixá devido a possíveis castigos. Os mortos (eguns) constituem ameaça contínua ao mundo dos homens, e como seres errantes, constantemente perturbam o universo vivido. Estas contendias que permeiam a relação entre o mundo natural e o universo cosmológico reproduzem-se nas interações entre os homens, tanto nas conexões entre diferentes sacerdotes, quanto destes em relação a seus filhos-de-santo, e por sua vez, entre os diferentes filhos-de-santo.

As sociabilidades entre sacerdotes apóiam-se numa espécie de definição do perfil ideal atribuído a esta função, cuja implicação central denota uma perspectiva comparativa entre os mesmos. Proximidade ou distância deste perfil corresponde ao prestígio agregado no interior do campo de relações, e a luta pela ocupação de posições relativas àquela representação idealizada condiz

ao motivo das disputas. Neste sentido, aproximar-se do padrão ideal significa construir a distância entre tal padrão e os sacerdotes alheios, utilizando-se para tal do artifício da *acusação*, que visa desqualificar os concorrentes num jogo de posições. Na mesma lógica, filhos-de-santo igualmente possuem um padrão ideal, e suas relações com babalorixás e outros membros da família de santo ocorrem mediadas pela mesma lógica que situa as diferentes posições no sistema de relações. Em síntese, a acusação mútua se revela como elemento que articula as posições dos indivíduos nestes sistemas, e a lógica conflitiva perpassa o universo destas religiosidades como um *leitmotiv* constante: deuses brigam entre si e com os homens; mortos prejudicam os homens; homens brigam com os deuses e entre si; sacerdotes brigam com outros sacerdotes e com seus filhos-de-santo; filhos-de-santo brigam entre si e com seus respectivos sacerdotes, e assim sucessivamente.

O capítulo 6 (p. 169-229) apresenta uma substancial análise sobre os conflitos erigidos entre unidades de culto e sociedade envolvente, numa recuperação preciosa dos principais aspectos da repressão externa exercida junto aos terreiros afro-brasileiros. A observação é procedida sob três perspectivas, ou três instâncias repressivas, a saber: a) o nível intelectual, cujos artefatos repressivos partem tanto do discurso médico do final do século IX quanto do próprio discurso antropológico; b) na coibição exercida no plano religioso, inicialmente pela Igreja Católica e, em seguida, pela Igreja Universal do Reino de Deus; c) a repressão por parte do Estado, realizada desde o Brasil colônia, intensificada no Estado Novo e reatualizada com diferentes matizes até o final da década de 1990. A idéia central que acompanha os diversos relatos sobre a invasão policial dos templos, a prisão de adeptos, bem como a construção de um discurso permeado por concepções eugênicas, trata de um sistema de representação social hegemônico e preconceituoso, balizado por empreendimentos científicos que visaram legitimar as perspectivas racistas a ele subjacentes.

É na avaliação destas perspectivas racistas que Norton Corrêa chega ao capítulo 7 (p. 230-283), no qual reafirma a centralidade da questão racial brasileira no processo de compreensão da realidade social inerente aos cultos de matriz africana. A partir da formulação da noção de *síndrome da subalternidade*, que se verifica nos processos de introjeção do preconceito de ‘raça’, se descortina o sistema de constante ameaça incidente sobre estas populações, cuja experiência se traduz numa necessidade constante de *autoconstrução* positiva. Mais especificamente, a força da imposição de uma auto-imagem negativa leva

a um confronto entre recusa e aceitação, que pode expressar-se por diferentes modos: a) assimilação total; b) iniciativas de apropriação da imagem positiva dos elementos hegemônicos; c) uma *canibalização* da própria imagem negativa de si, cujo resultado reverte a lógica de poder hegemônica. Pois é nesta última imagem que se encontra a figura do feiticeiro, sua prática consistindo numa exacerbação da auto-imagem cultural depreciada, levada às últimas consequências e tornando-se tão desestabilizadora a ponto de reverter certas lógicas de poder. Exemplo desta conotação seria o famoso *medo do feitiço negro*.

Desta maneira, a partir deste intercâmbio de forças, ou em termos simmelianos, *lógicas de ação recíproca*, Corrêa demonstra que de um lado, a lógica racializada da repressão externa não apenas define uma categorização depreciativa sobre as práticas culturais de origem africana (magia/feitiçaria), como fomenta a disseminação daqueles mesmos sistemas de representação estigmatizados: as constantes acusações decorrem da necessidade freqüente de auto-afirmação e a feitiçaria denota a *canibalização* da auto-imagem negativa. No entanto, é neste jogo de forças recíprocas que o conflito desempenha seu papel aglutinador. O complexo de acusações internas promove a manutenção do campo africanista na medida em que o distanciamento de padrões ideais levaria à perda da identidade no grupo. Em seus termos conclusivos, o trabalho reforça a necessidade de se repensar o racismo (conflito externo) e a categoria conflito (num sentido geral) como termos chaves para a compreensão da forma como os descendentes africanos se organizaram no Brasil. O conflito é percebido como inerente à estrutura das religiões afro-brasileiras (p. 276), produzindo coesão à medida que regula a relação entre os indivíduos.

Algumas considerações, de sabor crítico, podem ser empreendidas no campo da reflexão teórica. É notável o enfoque substancialmente prestado aos sistemas *estruturais* na composição de uma auto-imagem estigmatizada do elemento negro brasileiro e no consequente estabelecimento de um *ethos* de rivalidade. Ao percorrer este trajeto, denunciando brilhantemente a terrível repressão exercida pelos setores hegemônicos, Corrêa o faz correndo o risco de se afastar das premissas teóricas de Simmel, estando muito mais próximo da praxiologia de Pierre Bourdieu e suas estruturas estruturadas atuando como estruturas estruturantes. Nesta direção, aspectos relevantes da teoria simmeliana como o processo de diferenciação social derivado da ampliação da participação do indivíduo em diferentes grupos sociais, e o consequente reforço do processo de subjetivação e da ação individual são pouco explorados. Numa

ótica acionalista, quanto maior a participação nos diferentes grupos sociais da fragmentada sociedade contemporânea, maior a propensão para o reforço das especificidades de cada indivíduo. No entanto, as observações críticas possíveis frente a uma obra de tamanho peso teórico e riqueza empírica não refutam sua imprescindível contribuição ao estudo das religiões de matriz africana, bem como às análises da micro-política, dos processos de dominação e das relações étnico raciais da sociedade brasileira. A coragem de aprofundar olhares sobre realidades tão polêmicas não deixam de sinalizar uma antropologia permanentemente preocupada com o estabelecimento de relações de alteridade, projetando o trabalho como obrigatório para os pesquisadores do tema e indispensável para os demais admiradores da antropologia contemporânea.

REFERÊNCIAS:

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CORRÊA, Norton Figuciredo. *O batuque do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da universidade / Ufrgs, 1992.

Rodrigo Leistner

*Mestre em Ciências Sociais, Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais UNISINOS – São Leopoldo, Rio Grande do Sul.
e-mail: rodrigoleistner88@gmail.com.br*

Recebido em 01/11/2010

Aprovado em 05/12/2010